

os cursos são voltados majoritariamente à produção –, em geral não têm perfil de pesquisadores. Tampouco valorizam textos produzidos “antigamente”. Não sabem o que estão perdendo, pois para entender o cinema brasileiro atual é preciso pensar em perspectiva e ver que muitas das iniciativas, crises e ideias criativas de hoje foram plantadas lá atrás. De qualquer forma, para facilitar o acesso, a publicação está na internet (é possível fazer download também) através do endereço filmecultura.org.br/. Nele, estão disponíveis as edições antigas, que foram impressas para a caixa de cinco volumes. Assim, aposta-se que os jovens sem familiaridade com o papel possam se interessar por esta que é uma das publicações mais importantes do País.

Roteiro de documentário

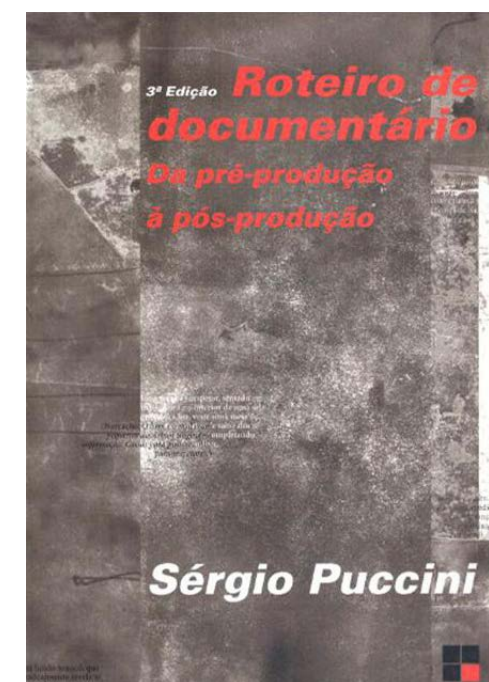
Cíntia Langie
Cineasta e professora de Cinema/UFPel

Ao contrário do que muitos dizem ou pensam, existe roteiro para filmes documentários. E é para explicar o que é este roteiro, o que envolve essa tarefa no gênero documental e quais as características desse tipo de escrita, que Sérgio Puccini reuniu em 141 páginas e nove capítulos as mais variadas informações sobre o filme de não-ficção. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**, lançado em 2009 pela editora Papyrus, é um manual completo e de fácil leitura a todos que se interessarem por saber mais sobre o assunto.

Sérgio Puccini é professor do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora e se dedica à pesquisa e à prática do roteiro cinematográfico. Visando mostrar de forma sistemática que escrever roteiro para documentário é diferente de escrever para ficção, Puccini apresenta em seu livro a premissa básica do gênero: o roteiro de documentário não nasce sem a pesquisa e não se finaliza antes da montagem.

Pela incapacidade de dominar todos os elementos que serão gravados – pois se trata de registro do mundo como ele é e de forma documental – não se pode fechar totalmente a narrativa de um filme documentário antes das gravações. Tudo depende do que a equipe irá encontrar durante a etapa de produção do filme, do que os entrevistados irão responder, como irão agir frente à câmera – nem tudo é programado e ensaiado como na ficção. Porém, ao mesmo tempo, sair para as gravações sem realizar um trabalho prévio de levantamento de dados e de sistematização de um esquema de trabalho, torna a prática documental muito arriscada e fácil de cair no “relato jornalístico”.

Para dar conta de toda essa problemática, Puccini dividiu o livro nos seguintes capítulos: 1. Roteiro de cinema e cena dramática, 2. A escrita da proposta para documentário, 3. A pesquisa, 4. O argumento, 5. O tratamento, 6. Situações de filmagem no documentário, 7. Elementos



Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção. Sérgio Puccini, Papyrus, 2009

de montagem no documentário, 8. Processos de montagem do documentário, 9. Considerações finais. Como é perceptível, ao falar de roteiro, quando se trata de documentários, é preciso falar de todo o processo de produção cinematográfica.

Uma das grandes contribuições do livro está no capítulo dois – **a escrita da proposta para documentário** – pois neste trecho o autor traz três diferentes modelos de apresentação de ideias de um filme documental: ele apresenta o “como escrever”, satisfazendo a curiosidade do leitor e ajudando a todos que precisam saber sistematizar suas propostas e apresentá-las de maneira clara e concisa a um possível patrocinador ou financiador do filme.

Trabalhando diversas vezes com estratégias narrativas próprias da ficção, o livro de Puccini é atual e integrado no momento contemporâneo do cinema, no qual a diversidade está cada vez mais presente. O autor se interessa menos por fazer divisão entre os gêneros e mais em demonstrar que documentário é cinema, e sendo o cinema uma forma artística, criar um roteiro para documentário é envolver-se no tema para extrair dele o que tem de melhor, transformando fatos em narrativas bem contadas e envolventes.

Cinema japonês na Liberdade

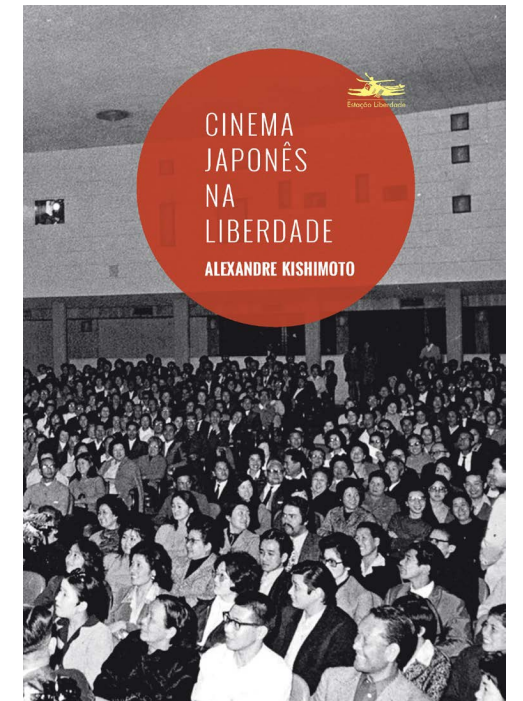
Sérgio Rizzo

Jornalista, doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, professor da Universidade Mackenzie, da FAAP, da Academia Internacional de Cinema e da Casa do Saber

O número impressiona e cria um doloroso contraste com o cenário atual: de 1948 a 1988, cerca de 2.600 longas-metragens japoneses foram lançados em um nicho do circuito paulistano instalado no bairro da Liberdade, na região central da cidade, onde tradicionalmente se concentram imigrantes orientais, seus descendentes e negócios de diversas naturezas - com destaque, hoje, para restaurantes e galerias com centros comerciais - mantidos por eles. Esse volume expressivo não leva em conta os filmes que, naquele período, alcançaram as salas não-especializadas de São Paulo. Refere-se apenas à oferta proporcionada, em sua configuração mais ampla, por quatro salas espalhadas em uma área de raio equivalente a um quilômetro.

Investigar quais foram esses filmes e o que nos contam a respeito de um período glorioso para a indústria cinematográfica japonesa - cujos estúdios, no ápice vivido durante os anos 1960, chegaram a produzir mais longas por ano do que os norte-americanos - configuraria importante matéria-prima de estudo. *Cinema japonês na Liberdade*, de Alexandre Kishimoto, cumpre um pouco dessa tarefa, ao mapear os títulos, gêneros, diretores e atores mais populares e/ou de maior prestígio crítico nessa amostragem significativa de um cinema feito para consumo local, mas que circulou intensamente fora do Japão, sobretudo nos países onde havia colônias de imigrantes. Não é esse, contudo, o principal objetivo do livro, baseado em dissertação de mestrado em Antropologia Social defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O interesse de Kishimoto, pautado pela antropologia da experiência, reside na tentativa de compreender “os significados locais atribuídos pelos públicos nikkei [termo que designa todas as pessoas de ascendência japonesa no Brasil, para distingui-las das gerações de imigrantes] e não nikkei aos filmes japoneses, às salas de cinema da Liberdade e à experiência de frequentá-las”. Ao usar como referência



Cinema japonês na Liberdade. Alexandre Kishimoto, Ed. Estação Liberdade, 2013.